



GEMINIS

FICÇÃO AUDIOVISUAL SERIADA
[FICÇÃO SERIADA TELEVISIVA BRASILEIRA]

QUANDO A HISTÓRIA VIRA ENTRETENIMENTO

MICHELLI MACHADO

*Jornalista, mestre em Comunicação e Informação
pela Universidade Federal do Rio Grande do
Sul – UFRGS. Doutoranda no Programa de Pós-
Graduação em Comunicação da Universidade do
Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.*

E-mail: michelli_machado@yahoo.com.br

RESUMO

O texto busca fazer algumas considerações sobre as releituras midiáticas da história, propostas por minisséries de época apresentadas pela Rede Globo. A partir de uma observação desses fenômenos midiáticos, buscaremos refletir sobre a relação entre mídia, entretenimento e mediatização da narrativa histórica nas minisséries. Autores como Lopes serão essenciais para entendermos os mecanismos das séries de ficção, enquanto Martín-Barbero nos ajudará a pensar as amarras identitárias que existem entre esses programas de entretenimento e a história do país, trazidas à tona para discussão na sociedade contemporânea por meio das minisséries.

Palavras - chave: Entretenimento; Minisséries Históricas; Mediatização.

ABSTRACT

The text wants to show us some considerations about the re-readings of the media, proposed by miniseries of epoch showed by "Rede Globo". Based in an observation of these media phenomenon, we want to reflect about the relation between media, entertainment and mediatization of the historic narration in the miniseries. Authors such as Lopes will be essential to understand the mechanism of the fiction series, while Martín-Barbero will help us to think about the connections between the entertainment show and the history of the country, brought to be discussed in the contemporary society through the miniseries.

Keywords: Entertainment; Historic Miniseries; Mediatization.

1 INTRODUÇÃO

Os processos comunicacionais estão cada vez mais presentes na produção e no consumo dos produtos de entretenimento oferecidos pela mídia. São estilos e tendências culturais que passam a ser configurados a partir da indústria do entretenimento e estão envolvidos na produção e na circulação de produtos midiáticos por meio de suas manifestações audiovisuais. Um exemplo disso é a midiaticização da narrativa histórica feita a partir de minisséries de época produzidas pela Rede Globo.

A temática que impulsiona a reflexão proposta neste artigo, parte do projeto de pesquisa ao qual me vinculo, que pretende estudar a midiaticização da narrativa histórica em minisséries históricas¹ exibidas pela Rede Globo. O eixo que norteia esta pesquisa está ligado à forma com que a narrativa histórica é recriada pela produção das minisséries baseadas em fatos e personalidades históricas e como a midiaticização desses acontecimentos se manifesta e circula na sociedade. O ponto de partida está na intenção de entender que pontos de vista a midiaticização da narrativa histórica nas minisséries da Rede Globo, reproduz. Para tanto, é interessante pensar, como ocorre a relação entre mídia e entretenimento, história e ficção, uma vez que esses elos são partes constitutivas das obras.

O objetivo dessa pesquisa é analisar a midiaticização da narrativa histórica nas minisséries, sob três eixos de observação: como a história vê e mostra a história; como a literatura vê e mostra a história e como a televisão vê e mostra a história. Sendo o último eixo o que norteia este estudo.

O contexto no qual a pesquisa se insere é a televisão. Uma vez que é a televisão que produz minisséries históricas baseadas em acontecimentos e personalidades reais fazendo uma transposição da narrativa histórica para a narrativa literária e uma adap-

¹ Neste projeto tentaremos classificar as obras de ficção de época, dividindo-as em Minisséries Históricas e Romances de Épocas. Embora todas possam ser consideradas minisséries de época, nas Minisséries Históricas o foco da narrativa é em um período importante da história nacional ou seu tema central gira em torno de uma figura histórica, que de fato existiu. Nos Romances de Época os textos costumam ser mais literários que históricos, e ainda que se constitua num ambiente realista, o foco não está no ambiente, mas no romance narrado pela obra, nas personagens ficcionais da trama.

tação da narrativa escrita para narrativa televisiva. A televisão é o meio de comunicação que vai visibilizar, veicular e mediatizar a narrativa histórica.

O objeto² que servirá de referência para a pesquisa são as minisséries *O Quinto dos Infernos*, *Abolição* e *República*³. Serão observadas as regularidades nas minisséries históricas que constroem suas tramas mesclando ficção e fatos históricos, biografias e folhetins, humanizando personagens, difundindo a vida e a obra de personalidades históricas por meio de um programa de entretenimento. É a partir da mediatização que essas personagens históricas vão pouco a pouco sendo conhecidas e ressignificadas através da circulação das séries na sociedade contemporânea.

2 ALGUNS DADOS SOBRE AS MINISSÉRIES HISTÓRICAS

Se olharmos as obras de ficção histórica, veremos que são narrativas de fatos históricos, no presente, a partir de uma visão contemporânea dos acontecimentos. Com uma linguagem atual, somos levados pelas obras até as causas, uma vez que já conhecemos as consequências dos fatos ali narrados. O diferencial das minisséries históricas é o estilo de suas narrativas, que buscam não só informar, mas principalmente entreter, dando ao telespectador a possibilidade de “reviver” de forma ficcional fatos históricos, com uma narrativa interessante e envolvente, em que cada capítulo pode se tornar uma nova aventura.

Diante desse prisma, a reconstrução de uma realidade histórica pode fascinar aos telespectadores, uma vez que possibilita a sensação de se ter vivido outra vida, num outro tempo. Por meio do trabalho de cenografia e figurino, é possível conhecer lugares e períodos que, antes, poderiam ser apenas imaginados.

2 Optamos por essas três minisséries para delimitação do objeto de pesquisa. A escolha das obras se deu porque os fatos narrados nas três minisséries são absolutamente representativos para a construção do país. Desde a vinda da família real para o Brasil até a Independência, a *Abolição* e a *República*. Além do mais, as obras nos permitem a uma organização dos fatos por meio da trajetória histórica, com a construção de uma linha de tempo histórico. As diferentes formas de abordar a história, indo da sátira e do humor a uma forma mais didática e pedagógica também foram elementos observados na escolha, pois permitirá uma análise comparativa entre as séries. Por fim, um gosto pessoal da autora pelo período narrado nas minisséries foi levado em consideração na hora de escolher as obras.

3 *O Quinto dos Infernos* foi ao ar de 08 de janeiro a 29 de março de 2002 e recontou a história da chegada da corte portuguesa ao Rio de Janeiro, passando pela coroação de D. João VI, o dia do Fico e a Independência do Brasil, até a morte de D. Pedro I. De forma satírica, em 48 capítulos a obra recontou a história do país quase 200 anos depois. *Abolição* foi ao ar de 20 a 25 de novembro de 1988, como comemoração ao centenário da abolição no Brasil. A minissérie teve apenas 04 capítulos em que recontou o fim da escravidão no país e a assinatura da Lei Áurea. A obra teve uma abordagem mais didática e contou com historiador em sua equipe de produção. *República* foi ao ar de 14 a 17 de novembro de 1989, assim como *Abolição*, foi exibida em comemoração ao centenário da Proclamação da República no Brasil. Em 04 capítulos falou sobre o fim da monarquia no Brasil e o início da república, com seu primeiro governante Deodoro da Fonseca. A obra teve o mesmo tipo de abordagem da anterior e a mesma equipe de produção. As duas minisséries fizeram parte do mesmo projeto.

Nos últimos anos, foram muitas as minisséries⁴ que trataram de temas históricos, e tem crescido, atualmente, o número de produções televisivas desse gênero, o que justifica o interesse desse trabalho por esse tipo de programa de entretenimento. A midiáticação das narrativas históricas iniciou em 1982, com *Lampião e Maria Bonita*⁵. Coincidentemente, esta não foi só a primeira obra histórica, mas também a primeira neste formato (minissérie), lançada pela Rede Globo. Desde então, pelo menos 23 obras exibidas pela emissora podem ser consideradas históricas, pois seu desenvolvimento se dá a partir de um acontecimento importante da História ou de uma personalidade histórica, que de algum modo é/foi representativa para o país.

É possível perceber, a partir de uma observação nos registros de programas de ficção, que desde 1982 até hoje, poucos foram os anos em que nenhuma minissérie histórica foi veiculada pela emissora. E é por meio da visibilidade que o tema tem na mídia, que a midiáticação da narrativa histórica instiga nossa curiosidade. As releituras midiáticas de acontecimentos históricos colocam a história como base para as tramas das minisséries, em que fatos e personalidades históricas são representados nessas obras, a partir da visão contemporânea dos autores. Essas formas de construções das narrativas ficcionais históricas estão ligadas à tradição da Literatura e das práticas narrativas, buscando um modo de fazer isso que aproxime do telespectador, criando uma interlocução.

A representação midiática de acontecimentos históricos, em minisséries, é feita por meio de determinados recursos narrativos, que geram uma realidade ficcional que interfere no entendimento dos acontecimentos e das personalidades históricas relacionadas a esses fatos. A ficcionalização da história e de algumas personalidades faz com que elas sejam ressignificadas, pela sociedade.

A partir do momento em que as personagens históricas passam a “frequentar” nossas casas, diariamente, por meio das minisséries, elas deixam de ser só nomes e passam a ser pessoas. Ao mesmo tempo, conflitos ficcionais e históricos passam a ser debatidos, o que de certa forma possibilita uma releitura dos acontecimentos históricos, já que tais temas perdem seu “peso” histórico ao tornarem-se ficção e entretenimento.

As minisséries de cunho histórico nos mobilizam a pensar a História. Durante a apresentação das séries de ficção, um interesse pelo assunto é despertado nos telespectadores, pela narrativa televisiva, diferente da maioria dos livros e das aulas de História. Esse jeito de contar histórias e, em especial, a história nacional precisa ser observado.

4 Até o mês de fevereiro do ano de 2010 foram 96 minisséries exibidas pela televisão brasileira. Dessas, 71 foram veiculadas pela Rede Globo, 15 pela Rede Manchete, 06 pela Rede Record e 04 pela Rede Bandeirantes.

5 FIUZA, Sílvia Regina de Almeida. (Coord) *Dicionário da TV Globo. V1: Programas de dramaturgia e entretenimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003; REIMÃO, Sandra. *Livros e Televisão: correlações*. São Paulo: Cotia, 2004.

Afinal, tem despertado curiosidade por política e fatos importantes, na construção do Brasil. É essa maneira diversificada de narrar, que torna os acontecimentos cotidianos interessantes. Ou seja, a midiaticização da narrativa histórica, dá à mídia uma função pluridisciplinar, de comunicar, entreter, informar e fazer pensar sobre a História.

3 A NARRATIVA HISTÓRICA MIDIATIZADA, OU COMO A HISTÓRIA PODE VIRAR ENTRETENIMENTO

Os fenômenos contemporâneos estudados pela mídia mostram, sob alguns aspectos, o processo de passagem de uma sociedade dos meios para uma sociedade midiaticizada. Essa transformação se dá, entre outras formas, por meio do campo científico, a partir do momento que esses fenômenos passam a ser estudados. É no instante em que a sociedade dos meios começa a estudar a relevância e o funcionamento dos meios de comunicação, através dos avanços tecnológicos, que o processo de midiaticização da sociedade se inicia.

Na sociedade midiaticizada, existe um outro mundo, paralelo ao real, um mundo virtual, onde a realidade é a própria mídia. Muniz Sodré (2001) chama esse outro mundo de novo “bios midiático”, de “espelho”, em que a mídia se transforma, provocando uma perda momentânea de identidade, uma alucinação lúcida. Para o autor o “espelho” midiático não é uma simples cópia, reprodução ou reflexo, uma vez que, implica em uma nova forma de vida, com um novo espaço e um novo modo de interpelação coletiva dos indivíduos.

A partir de uma realidade virtual, há a produção de um outro mundo, que parece dar vida ao espelho. Podemos tentar pensar essa afirmação aplicada às releituras da História propostas pelas minisséries. Para essas narrativas televisivas, o “espelho” são as representações dos fatos e das personalidades históricas na sociedade contemporânea. Ou seja, por meio da ficcionalização há uma “perda” de elementos históricos, a partir da construção de uma nova versão dos fatos em obras ficcionais de entretenimento.

Diante disso, a midiaticização da narrativa histórica, que faz uso dos recursos audiovisuais gera uma realidade ficcional que parece verdadeira, essa realidade é criada por meio da verossimilhança. As minisséries históricas são construídas ficcionalizando a História nacional e de algumas personagens importantes para o país. Esse movimento faz com que personalidades estudadas nos livros de História deixem de ser vistas como heróis ou vilões e passem a ser percebidas por meio da condição de seres humanos, em sua complexidade, com sentimentos, traumas e conflitos. A partir do uso

de recursos ficcionais e de entretenimento, o histórico passa a ser percebido sob outro prisma, de maneira que desperte o interesse dos telespectadores.

Essa nova forma de contar a História, por meio das narrativas televisivas, mostra a criação de uma realidade a partir de imagens que ampliam as possibilidades de escrita e de uma outra visão do que já foi visto. Há dois momentos de releitura, a do autor das minisséries e a do telespectador, que cria novos sentidos para os fatos. Nesse momento de transição em que vivemos, em que a mídia une e separa, aproxima e distancia, e que algumas coisas não previstas tomam sentidos não imaginados pelos produtores, mas produzidos por seus discursos, é importante pensar como por meio da midiaticização os meios se expandem para formar a sociedade atual.

No século XIX, romances tradicionais eram transformados em folhetins, buscando a relação com o entretenimento e uma maior proximidade com o leitor. Essa é a primeira transformação de uma narrativa literária para uma narrativa cotidiana, semelhante ao que ocorre hoje com as minisséries históricas, em que fatos históricos são transcritos de forma literária e estes são transformados em narrativa televisiva.

Jesús Martín-Barbero (2003) ao trabalhar com identidades, mediações e culturas, nos fala sobre os “pedaços” que formam uma nação. A história de um país é um desses “pedaços”, ainda mais se retratada por meio de um dispositivo de mediação entre histórico e contemporâneo, como são as séries de ficção televisivas. O cotidiano vivido pelas personagens, nas obras de ficção, retrata as especificidades de um sujeito, de uma comunidade, de uma cultura, de uma época, mostrando a partir do texto televisivo como se constituiu a história do país. No entanto, embora se conte um fato passado, as releituras usam de linguagem e técnicas contemporâneas e de entretenimento, o que aproxima o público da história que está sendo recontada.

Quando falamos de obras seriadas televisivas, reproduzidas por meios audiovisuais, as alterações não devem ser entendidas como uma perda, mas uma forma diferenciada de perceber o mundo. Nesse sentido, as minisséries, que misturam história e ficção, passado e presente, são programas de entretenimento e produtos de mediação. Mediação é o termo dialético, que, segundo Martín-Barbero (2003), pode ser utilizado para o estabelecimento de relações entre a análise formal de uma obra de arte e uma visão mais alternativa e popular sobre ela.

Pela mediação são estabelecidas as identidades simbólicas como um processo em que cada nível desdobra-se no seguinte, perdendo, assim, sua autonomia constitutiva e funcionando como expressão de seus homólogos. É uma operação compreendida como um processo de transcodificação: como a invenção de um conjunto de termos ou a escolha estratégica de um código ou linguagem específica. A análise das mediações

tem por objetivo demonstrar o que não é evidente nas aparências das coisas, mas que se encontra em sua realidade subjacente.

Segundo Maria Immacolata Vassalo Lopes (2009), a telenovela é um recurso comunicativo de entretenimento popular. Essa afirmação da autora pode ser estendida também para outras obras de ficção televisiva, como as minisséries, principalmente se pensarmos, como sugere a pesquisadora, que essas obras são a narrativa da nação, misturando arcaico e moderno, temas da vida pública e privada.

Seguindo essa linha de pensamento, Lopes (2009) diz que a telenovela é uma história sobre a família exibida para a família. Nesse sentido, as minisséries históricas são a história de fatos e personalidades importante para o país, exibidas para o país, anos após terem sido vividas por esse mesmo país. As obras históricas são ficcionalizadas nas minisséries para romancear os fatos, a ficção acaba sendo uma outra forma de ver a realidade e a própria história, em que não há uma verdade absoluta, mas versões de um fato, sob o ponto de vista de diferentes narradores.

As obras de ficção exibidas pela televisão circulam na mídia por meio de revistas, internet, etc. e esse circular midiático ocorre paralelo à circulação em rodas de amigos e familiares, quando as narrativas televisivas transbordam a televisão e invadem a realidade e o cotidiano das pessoas.

Sodré (2006), fala que a economia digital tem tido enorme impacto sobre o mundo do trabalho e sobre a cultura, já que o fenômeno midiático traz novas variáveis que transformam a vida das pessoas, em que o virtual, o espaço simulativo, interage expandindo a dimensão do tecnocultural. Para o autor, é nesse instante que surge o que ele chama de novo “bios midiático”, que segundo Sodré cria uma prótese midiática, que se torna um potencial de transformação da realidade vivida, uma forma condicionante de experiência da vida das pessoas. Trata-se da afetação das formas da vida tradicional e uma prevalência da forma sobre o conteúdo, ou poderíamos dizer, do entretenimento sobre a informação.

A mídia, enquanto sintaxe de um novo modo de organização social e agendamento universalista, implica uma qualificação especial da vida, logo, uma ordem sub-reptícia de exigências no que diz respeito a valores, a partir de uma intersubjetividade simulada e paralela. (SODRÉ, 2006, p.29).

Para o pesquisador, o meio televisivo permanece como fulcro da mídia tradicional, enquanto o virtual redimensiona a relação espaço-temporal clássica criando uma tendência de virtualização das relações humanas. Nesse momento, segundo o autor,

imagens deixam de ser reflexos e tornam-se espelho midiático, configurando-se assim em uma “outra” forma de vida. Essa outra forma de vida que Sodré (2006) menciona está ligada às transformações que os processos midiáticos têm promovido na sociedade contemporânea, como o pesquisador afirma, a televisão, continua sendo o grande meio de comunicação que retrata essa realidade midiática. As minisséries históricas, por assim dizer, reproduzem uma “outra” versão dos acontecimentos, uma versão que seja compatível a essa nova forma de vida.

4 ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE HUMOR, FICÇÃO TELEVISIVA E ENTRETENIMENTO

O espaço da cultura tem sido um local dos processos de modernização e a televisão tem se mostrado um meio estratégico para a realização desses processos. Segundo Lopes (2002), a partir da recepção das telenovelas podemos observar como funcionam as lógicas comerciais de produção e as lógicas culturais de consumo dos processos midiáticos. O estudo das minisséries históricas contribui no sentido de entender as lógicas de produção midiática, ainda que não se faça um estudo de recepção, quando observamos como circula e circulou os materiais referentes às obras, podemos observar outro viés de um mesmo processo. José Luiz Braga (2006) nos diz que desde as primeiras interações midiáticas a sociedade age e produz, não só com os meios de comunicação ao atribuir processos a estes meios, mas sobre os seus produtos, atribuindo um sentido social a eles.

Outro prisma que envolve mídia e entretenimento e está diretamente vinculado ao objeto de estudo aqui apresentado é o humor, já que uma das obras estudadas faz a midiática da narrativa histórica de forma satírica⁶. Ao tentar entender como o humor está vinculado ao entretenimento e de que forma é trabalhado nas minisséries históricas, é possível perceber, até que ponto se faz um humor “pastelão” e quais momentos trazem um humor refinado e inteligente, que possibilita uma compreensão diferenciada da história nacional.

Sigmund Freud (1938) acredita que o humor faz parte das histórias, como se ao tornar um acontecimento algo mais “leve” este fosse mais fácil de ser absorvido pelas pessoas, para provar suas ideias sobre os chistes, faz a seguinte afirmação:

Um novo chiste age quase como um acontecimento de interesse universal: passa de uma a outra pessoa como se fora uma notícia da vitória mais recente. Mesmo homens eminentes que acreditam valer a pena contar a história de suas origens, das cidades e países que visitaram, das pessoas importantes com quem conviveram, não

⁶ O Quinto dos Infernos.

se envergonham de inserir em suas autobiografias o relato de algum chiste que acaso ouviram. (FREUD, 1938, p. 10).

Partindo dessa afirmação de Freud, podemos dizer que assim como o humor, o entretenimento e a ficção são mais facilmente absorvidos e transmitidos de pessoa para pessoa. Por isso as minisséries televisivas que midiaticizam a história e uma determinada época, costumam ser mais atraentes que os livros didáticos sobre o assunto, e dessa forma, seduzem os telespectadores, que passam a acompanhar as tramas, buscando se entreter e se informar sobre história. Segundo Freud, as técnicas dos chistes apontam para os mesmos processos psíquicos da formação dos sonhos, “Sendo tão abrangente, dificilmente será um puro acaso tal concordância entre os métodos da elaboração do chiste e aqueles da elaboração do sonho.” (FREUD, 1938, p. 57).

As obras de ficção televisiva, frequentemente, utilizam de humor para contar suas histórias, buscando entreter e cativar seus telespectadores. As séries de ficção, segundo Armand e Michele Mattelart (1989), precisam ser consideradas como a interface das estratégias de valorização do capital nas indústrias culturais e da memória coletiva em suas formas de narrativa. Os autores citam a frase do diretor Marcel Blurval que diz: “A série é caso para contador de histórias.” (MATTELART, 1989, p. 178), para instigar o debate sobre as séries de ficção. As releituras midiáticas da história produzidas pela televisão por meio das minisséries têm uma narrativa diferente da histórica, uma forma de narrar sem preocupação excessiva com datas e nomes, um relato mais “solto”, contando histórias, ao mesmo tempo em que buscam entreter e cativar o telespectador.

Nesse horizonte desenha-se um outro paradigma, segundo Mattelart (1989): o do reconhecimento do sujeito e da pertinência de uma teoria por parte das percepções deste indivíduo. A subjetividade de interpretação de cada um entende a comunicação como um processo dialógico em que a verdade, que não será mais única, nasce da subjetividade.

Dentro dessa noção de subjetividade, os autores fazem a seguinte afirmação: “Contra o herói da teoria, contra o herói da produção, contra o herói da história, lança-se o status do homem sem qualidade” (MATTELART, 1989, p. 201). As minisséries constroem em suas representações da história personagens mais envolvidos em sua subjetividade que, normalmente, os apresentados pelos livros históricos. Já não são mais heróis, mas homens sem qualidades, como fala Mattelart. Em *O Quinto dos Infernos*, D. Pedro I é representado, como um anti-herói, no entanto, paradoxalmente, suas características negativas não desfazem a simpatia da personagem, que pode ser entendida como encantadora em seus valores éticos e na representação de seu amor pelo Brasil.

A forma com que entendemos as personagens, representadas pelas releituras televisivas, pode estar ligada a fatores internos ou externos, pessoais ou sociais, uma vez que essa visão demonstra o poder de modificação da realidade feita pelo observador. A visão que temos da história, do passado e da memória nacional, a partir de uma obra contemporânea de entretenimento, produzida pela televisão, faz com que, segundo Eric Hobsbawn (1998), nos reconheçamos membros de uma comunidade humana, situando-nos em relação ao nosso passado, ainda que seja para rejeitá-lo. O passado é, portanto, conforme Hobsbawn, uma dimensão da consciência humana, um comprovante inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade contemporânea.

Em *Como se escreve a história*, Paul Veyne (1998), nos diz que a história é anedótica, pois interessa porque narra, assim como o romance, sem ter, no entanto, o compromisso de ser cativante. Mesmo assim, é inegável que uma história que consegue ser cativante, que consegue entreter, é muito mais abrangente, tem o poder de se espalhar, para além dos livros, ou no nosso caso, para além das telas das televisões, circulando na sociedade.

A história biográfica e anedótica é a menos explicativa, mas a mais rica do ponto de vista da informação, já que considera os indivíduos nas suas particularidades e detalha, para cada um deles, as nuances do carácter, a sinuosidade de seus motivos, as etapas de sua deliberação. (VEYNE, 1998, p. 26).

A afirmação de Veyne dá força à ideia de que a midiaticização da narrativa histórica em minisséries de época faz sucesso porque vai além da história, busca uma narrativa biográfica, romanceada, que seduz os telespectadores, pois passa da condição de documento histórico para tornar-se um programa de entretenimento. Dentro dessa visão, as minisséries são obras que apresentam personagens históricas de forma mais realista, apresentando seu carácter e os motivos de suas decisões.

Partindo para uma visão do que está atrás das câmeras nos programas de entretenimento, Jacques Aumont (2002) nos ajuda a desvendar um pouco dos bastidores que formam a construção de uma obra cinematográfica. Muitas das afirmações feitas pelo autor, também se enquadram à televisão e as minisséries. Segundo Aumont (2002), a impressão de analogia com o espaço real produzida pela imagem fílmica é tão grande que nos faz esquecer que além do quadro que se vê não há mais imagem. Como uma janela quando revela um fragmento do mundo imaginário. O campo é visível, o fora do campo não é (bastidores, personagens, cenários). A soma do campo mais fora do campo é que forma o espaço fílmico. As fronteiras da narratividade, assim como as da representatividade muitas vezes, são difíceis de traçar, há uma confusão

entre espaço fílmico e real. Nas minisséries esse conflito é mais forte, devido ao convívio diário entre o telespectador e a obra.

5 COMENTÁRIOS FINAIS

A midiatização tem na visibilidade um dos seus grandes valores simbólicos. A televisão tem um regime próprio, um olho que vê e que nos mostra o que a gente vê. A Rede Globo, por exemplo, tem como logomarca “esse olho”, e por meio dele as pessoas veem o que o olho (câmera) vê e quer mostrar. Por isso, Adriano Rodrigues (2000) fala que a percepção que temos do mundo hoje está diretamente ligada aos dispositivos de midiatização que marcam o ritmo da nossa vida cotidiana, sobrepondo-se cada vez mais aos ritmos de funcionamento das instituições que formam nossa experiência individual e coletiva.

Cada vez mais os meios de comunicação que promovem o entretenimento, como a televisão, ocupam-se de contar a história por meio da midiatização de suas narrativas, aproveitando o lugar estratégico que ocupam nas dinâmicas culturais e nos processos midiáticos. O rádio foi o primeiro veículo a contar a história para o povo, depois veio o cinema, que contou histórias por meio de som e imagens. Mais tarde chegou a televisão, uma forma de contar história com som e imagem como o cinema, mas com a intimidade do rádio, pois entrou na casa das pessoas.

Os gêneros de ficção televisiva muitas vezes ao contar suas histórias misturam o real ao ficcional propondo uma outra forma de realidade. Em razão disso, as narrativas televisivas - com suas imagens, sons, movimentos - interferem diretamente nos imaginários. Ao trabalhar com narrativas, a televisão usa fragmentos de verdade, recortes e colagens, tornando quase imperceptível a fronteira entre ficção e realidade ou passado e presente.

A visibilidade da história na mídia, a partir da midiatização da narrativa histórica em obras de ficção e entretenimento, instiga nossa curiosidade. As releituras midiáticas de acontecimentos históricos colocam a História como base para as tramas das minisséries. Fatos e personalidades históricas são representados nessas obras, a partir da visão contemporânea dos autores. Na construção das obras de ficção televisiva, existe uma apropriação de textos literários e históricos, ao mesmo tempo em que há uma ruptura com o texto original, no processo de produção das minisséries. Essa releitura da história, suscitada pela mídia, possibilita uma certa mistura entre ficção e realidade, falando sobre fatos históricos para o mundo contemporâneo, através de um meio de comunicação, que ainda encanta os receptores, como a televisão.

REFERÊNCIAS

- AUMONT, Jacques. **A estética do filme**. 2 ed. Papiros: São Paulo, 2002.
- BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia**. Dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.
- FREUD, Sigmund. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. V. VIII. Tradução de James Strachey. New York: Random House, 1938.
- HOBBSAWM, Eric. **Sobre a História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; et.al. **Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade**. São Paulo: Summus, 2002.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Aula Inaugural**. São Leopoldo: Unisinos, 2009.
- MARTÍN-BARBERO. **Dos meios as mediações**. 2 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.
- MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. **O carnaval das imagens. Ficção na TV**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. Experiência, modernidade e campo dos media. In: SANTANA, R. N. Monteiro (Org.). **Reflexões sobre o mundo contemporâneo**. Teresina: Revan, 2000.
- SODRÉ, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e midiatização. In: MORAES, Denis. **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- SODRÉ, Muniz. **A antropológica do espelho**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. 4 ed. Brasília: UNB, 1998.